

saúde

Hospital transfere pacientes com Covid para maternidade

Remanejamento envolveu oito mulheres no Tide Setúbal, na zona leste de SP

Clayton Freitas e Aline Mazzo

SÃO PAULO | AGORA A falta de leitos dos hospitais públicos da cidade de São Paulo para tratar pacientes com o novo coronavírus está fazendo com que as administrações desses locais improvise espaços, nem sempre adequados, para receber os doentes.

Sem ter leito para atender sete mulheres com Covid-19, e uma oitava, que ainda aguarda resultado de teste, a direção do Hospital Municipal Tide Setúbal, em São Miguel Paulista (zona leste), as colocou em leitos instalados em dois quartos do setor da maternidade na quarta-feira (3).

Funcionários disseram que a situação colocou em risco as gestantes e bebês que estavam em outros quartos, tanto pela proximidade entre os quartos ocupados pelas pacientes de Covid-19, quanto pelo fato de o setor contar com apenas um posto de enfermagem para atender todo o andar do prédio.

As sete pacientes com Covid-19 e a mulher que apresentava sintomas mas ainda não teve a confirmação pelo exame, foram remanejadas para leitos da clínica médica e observação na final da tarde desta quinta-feira, após a



Sala de cirurgia do Hospital Universitário de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre

reportagem questionar a secretaria municipal de Saúde sobre o caso. Um funcionário afirmou que administração do hospital chegou a pedir a transferência das pacientes para outras unidades de saúde, porém, não foram localizadas vagas disponíveis.

A notícia de que a maternidade do hospital abrigou pacientes com Covid-19 foi recebida com espanto por um médico de outro setor.

Segundo afirmou à reportagem na condição de anonimato, tal situação poderia colocar em risco os bebês com

imunidade mais baixa, que, se fossem contaminados, poderiam ficar mais vulneráveis.

Para fazer frente à alta demanda, a Prefeitura de São Paulo, disse nesta quinta-feira (4) que criou 200 leitos para pacientes de Covid-19 no hospital municipal Doutor Moyses Deutsch, mais conhecido como hospital do M'Boi Mirim (zona sul). Serão 70 leitos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva), e outros 160 de enfermagem. Esses leitos já existem e foram adaptados.

Boletim da Secretaria Municipal da Saúde apontou que

nesta quinta a cidade estava com 77% de taxa de ocupação de leitos de UTI e 76% de taxa de ocupação de enfermagem.

Ao todo, a rede municipal tem 835 pacientes internados em 1.080 leitos de UTI da rede municipal ou contratados pela prefeitura.

A Secretaria Municipal da Saúde diz que vem realizando o remanejamento de leitos no Tide Setúbal para ampliar o atendimento de Covid, mas não fala se são para maternidade. Segundo a pasta, durante remanejamento de novos leitos, dois pacientes foram transferidos temporariamente e ficaram em dois quartos isolados, sem contato com os outros pacientes, sendo encaminhados depois para a ala de Covid. "Os quartos receberam a limpeza especializada para desinfecção", afirma.

Instituição do RS tem boom de partos de mães com Covid-19

Katna Baran

CURITIBA "Nunca achei que ia lutar uma guerra. Quem vai pra guerra, vai com medo de não voltar mais." Foi com es-

sas palavras que a médica obstetra Luiza Alves, 34, descreveu a sensação de medo que tem sentido nos últimos dias atuando na linha de frente da Covid-19 no Hospital Universitário de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre (RS).

O relato compartilhado no último sábado (27) nas redes sociais veio acompanhado de um apelo diante do aumento da carga de trabalho nos plantões obstétricos no hospital: "acreditem, se cuidem, se protejam, está insustentável".

Luiza se recorda que, em todo o ano passado, atendeu apenas um caso grave de Covid-19 entre grávidas na unidade. Só nas últimas duas semanas, a média de atendimento saltou para dez pacientes por dia.

Atualmente, o hospital está com quatro gestantes internadas, todas precisando de oxigênio e uma delas na UTI. Segundo a médica, a instituição tem realizado em média dois partos diários de pacientes com a doença. "Antes, isso era muito raro", contou.

Além das chances reais de colapso, a preocupação da médica também está nas pacientes que não estão contaminadas, mas que procuram atendimento no hospital, referência para 17 municípios da região. "Fica tudo mais difícil em função da logística porque é preciso fazer um isolamento, cada vez mais complicado com a alta na demanda".

Luiza tem observado ainda um agravamento rápido dos casos de Covid-19 entre as gestantes. "Uma paciente chegou na emergência no plantão da quarta-feira da semana passada, com febre, fadiga, tosse e saturação de 89% [o normal é entre 95% e 100%], aí já co-

locamos no oxigênio, internamos e, em dois ou três dias, ela já estava na UTI", relatou.

Mulheres jovens, sem comorbidades e com gestações em diferentes graus de evolução são cada vez mais comuns. Se antes a maior parte das pacientes com Covid-19 que chegavam ao hospital já apresentava quadros de pré-eclâmpsia, como hipertensão e diabetes gestacional, agora, elas são internadas com a doença e, depois, desenvolvem outros problemas.

"Ainda estamos tentando entender o que está acontecendo", afirmou a médica. Para ela, as novas variantes do coronavírus podem ser uma das causas da mudança.

Além do aumento na carga de trabalho, outro receio da médica é sobre as altas chances de contaminação por Covid-19 pelas equipes. Luiza contou que, mesmo já tendo recebido duas doses da vacina, um dos colegas dela contraiu a doença nos últimos dias.

"A gente fica com medo porque se expõe muito, principalmente em cesáreas, um procedimento cirúrgico com muitos fluidos, é uma carga viral muito alta. Mesmo vacinada e acreditando que a vacina possa nos proteger um pouco mais, não sabemos até que ponto ela pode atingir outras variantes do vírus", explicou.

Para tentar se resguardar, Luiza tem utilizado o que chama de "paramento de guerra" para conduzir os procedimentos: sacos de lixo amarrados nos pés, avental, quatro toucas, três luvas, máscara e face shield. "Mesmo com tudo isso, na hora de tirar a paramentação com o maior cuidado, podemos nos contaminar", disse.



ESTAÇÃO DA LUZ FICA LOTADA

Usuários de transporte público

enfrentaram aglomeração na tarde desta quinta-feira (4), na estação da Luz, na linha 4-Amarela do metrô, em São Paulo. Segundo o governo do estado, as taxas de ocupação dos leitos de UTI para Covid-19 são de 77,9% na Grande São Paulo e 76,3% no estado

Amanda Perobelli/Reuters

Cidade no Paraná recorre a equipamentos do zoológico para enfrentar casos da doença

Raphael Hernandes

CASCAVEL (PR) Com a explosão de casos de Covid-19 e internações pela doença, pacientes em Cascavel (PR) passaram a conviver com improvisos. Foi essa a saída encontrada por gestores para lidar com a alta demanda por leitos de UTI.

Um dos dois hospitais públicos da cidade recorreu a equipamentos usados no zoológico. UPAs (unidades de pronto atendimento) passaram a intubar pacientes, e em uma das três unidades da cidade a recepção foi transformada em enfermagem.

Cascavel é a maior cidade do oeste do Paraná e funciona como polo médico para municípios menores. A região foi a mais afetada do estado pela alta de casos e internações por Covid-19.

Segundo boletim divulgado

na quarta-feira (3) pela secretaria estadual de Saúde, 95% dos leitos de UTI exclusivos para Covid-19 estavam ocupados no oeste. A marca se mantém acima dos 90% desde o último dia 20. Em Cascavel, a taxa bate 99%.

Nos últimos dias, médicos das redes pública e privada do município relataram à reportagem cenas de desespero. Entre elas, casos de pacientes idosos que tiveram atendimento recusado por falta de respirador e pacientes intubados em corredores.

Um dos locais no olho do furacão é o Hospital de Retaguarda, municipal. Desde julho do ano passado, passou a receber exclusivamente casos de Covid-19. Com a alta dos últimos dias, abriga hoje 31 pacientes de UTI. A capacidade é para receber até 20.

Para atender a demanda

excedente, parte dos pacientes de terapia intensiva está na enfermagem. A enfermagem, por sua vez, foi transferida para uma área que até então era usada como depósito. Com isso, conseguiram tirar as pessoas dos corredores.

A situação ficou particularmente calamitosa no último domingo (28). Faltaram equipamentos, e a direção da unidade recorreu ao zoológico, de onde recebeu nove bombas de infusão e um respirador.

"Eu poderia sentar no meio fio, chorar e reclamar que não tem coisas ou tentar dar um jeito", diz Lisias de Araujo Tomé, diretor-geral do Hospital de Retaguarda e ex-prefeito da cidade.

Tomé explica que não há diferença entre os equipamentos usados entre humanos e animais e diz que todos são homologados pela Anvi-

sa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). O empréstimo serve para aliviar a situação enquanto aguardam a entrega de unidades vindas do Ministério da Saúde ou do governo do estado —sem data para acontecer.

Segundo o diretor do hospital, as bombas de infusão, equipamento usado controlar as doses de medicamentos aplicados diretamente na veia, foram usadas na noite de domingo para suprir a emergência. No entanto, elas logo precisaram ser substituídas, porque não são compatíveis com as mangueiras que havia por ali.

O ventilador foi usado em um paciente e agora continua no hospital, aguardando para suprir outra alta na demanda.

A Secretaria da Saúde do Paraná prevê a abertura de 22 novos leitos de UTI em Cascavel

nos próximos dias, mas não especifica quando. Desses, dez serão no Hospital de Retaguarda.

Para Tomé, no entanto, a abertura de novos espaços não é o suficiente. Ele reclama de algo comum a outros hospitais da região: a falta de profissionais. "Tínhamos 14 vagas de UTI. Hoje, temos 31, só que a equipe é a mesma. Não basta aumentar ventilador. Estamos sobrecarregados", diz.

"Estamos tentando contratar, mas falta mão de obra no mercado. Não tem mais técnico para contratar. Não tem mais médico".

No último dia 26 o Paraná decretou o fechamento de atividades não essenciais para tentar conter a pandemia. O fim da restrição está marcado para segunda-feira (8), mas o secretário de Saúde do estado, Beto Preto, diz que o governo local deve discutir a prorrogação dessas medidas no próximo fim de semana.

Em entrevista à RPC nesta quinta-feira, Preto defendeu medidas restritivas mais rígidas em nível nacional. "Seria importante", afirmou.

Natércia, o Ministério Público Federal e o Ministério Público Estadual entraram com uma ação pedindo à União a transferência de pacientes de Cascavel para outras regiões.

O ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, visitou Cascavel na tarde desta quinta-feira a convite do prefeito Leonardo Paranhos (PSC). Passou pela UPA Brasília, unidade com maior número de casos de Covid na cidade, e colocou o governo federal à disposição para o envio de equipamentos e materiais.

Uma das demandas do município é a transferência de doentes para outras cidades.

Cascavel, que tem cerca de 300 mil habitantes, registra 24.832 casos de Covid-19 e 343 mortes no boletim divulgado na quarta-feira pela prefeitura. Nesta quinta-feira, 6.000 novas doses de vacina chegaram à cidade, que anota 17.719 pessoas que receberam a primeira dose e 5.354 imunizadas com a segunda.